

## Identidade infantil e mídia no Brasil de Vargas e na Alemanha nazista

### Children's identity and media in Vargas' Brazil and Nazi Germany

Zilda Gaspar Oliveira de Aquino<sup>1</sup>

Universidade de São Paulo

[ziaquino@usp.br](mailto:ziaquino@usp.br)

<https://orcid.org/0000-0003-0432-7046>

Letícia Fernandes de Britto-Costa<sup>2</sup>

Universidade de São Paulo

[leticia.brittocosta@usp.br](mailto:leticia.brittocosta@usp.br)

<https://orcid.org/0000-0001-7142-6090>

**Resumo:** O presente artigo tem por proposta investigar a construção da identidade infantil em textos midiáticos voltados a crianças e publicados na década de 1930, no Brasil e na Alemanha. Buscamos, sobretudo, compreender a relação entre os dois contextos nacionalistas - Nazismo e Era Vargas - e a representação de infância. O embasamento teórico faz-se a partir das posições de Moita Lopes (2002), Jungwirth (2007), Keupp (1999), entre outros, no que se refere às teorias de identidade no discurso. Metodologicamente, procedeu-se ao estudo contrastivo entre as duas revistas, em que se buscou localizar elementos nominais usados para se referir às crianças em ambos os periódicos. Os resultados permitem observar a forte influência do poder político na construção da identidade das crianças no período estudado.

**Palavras-chave:** Identidade; Mídia; Nacionalismo.

**Abstract:** The purpose of this article is to investigate the construction of children's identity in media texts aimed at children and published in the 1930s, in Brazil and Germany. We seek, above all, to understand the relationship between the two nationalist contexts - Nazism and Vargas Era - and the representation of childhood.

<sup>1</sup> Professora Doutora da FFLCH da Universidade de São Paulo, Depto de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa e do PROFLETRAS/USP.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo; Bolsista CAPES.

The theoretical basis is made from the positions of Moita Lopes (2002), Jungwirth (2007), Keupp (1999), among others, with regard to theories of identity in the discourse. Methodologically, a contrasting study was carried out between the two magazines, in which we sought to locate nominal elements used to refer to children in both journals. The results allow to observe the strong influence of the political power in the construction of the children's identity in the studied period.

**Keywords:** Identity; Media; Nacionalism.

## Introdução

Os estudos sobre identidade vêm ganhando grande espaço no contexto acadêmico, sobretudo em pesquisas voltadas a discursos de grupos subalternizados, como os de Ramos (2010), Budag e Scabin (2019), entre tantos outros. Tais trabalhos buscam, em geral, compreender como se estabelece a construção da identidade de determinados grupos tendo em vista as relações sociais e de poder envolvidas nesses discursos. No entanto, nesse âmbito pouco se fala a respeito da identidade infantil. Isso se deve, provavelmente, ao fato de as crianças não serem vistas como um grupo em situação de opressão. A respeito disso, Buckingham (2012, p. 95), estudioso voltado à produção midiática para crianças, afirma: “Classe social, gênero e *raça* foram preocupações centrais, mas a idade, enquanto dimensão igualmente significativa de poder social, foi estranhamente negligenciada.”

Ao considerarmos a questão etária como um fator também atuante nas estruturas de poder, podemos nos questionar a respeito da influência do momento político vigente sobre a construção identitária das crianças, bem como o quanto essa representação infantil pode nos indicar outras questões relacionadas às interações sociais.

Por conta disso, localizamos dois periódicos infantis datados da década de 1930 - período fortemente marcado pelo avanço global de ideais nacionalistas e do Fascismo - para nossa análise da construção da identidade de crianças. Um dos periódicos é o “Hilf mit! - Illustrierte deutsche Schülerzeitung”<sup>3</sup>, jornal alemão de leitura obrigatória nas escolas, durante o regime nazista. O outro é a revista brasileira “O Tico-Tico”, primeiro veículo midiático voltado a crianças a ser publicado no Brasil, cujas edições selecionadas<sup>4</sup> datam de 1934, período correspondente ao primeiro governo de Vargas.

Buscamos compreender o modo com que a identidade infantil foi construída nos dois periódicos, visando a investigação a respeito da influência dos regimes nacionalistas - salvo as especificidades de cada um - sobre a representação infantil e das relações de poder que se estabeleciam com as crianças nesses dois contextos.

Para isso, foram selecionadas as edições de outubro e dezembro de 1935 de “Hilf mit!” e as edições nº 1479 e nº 1487 de “O Tico-Tico”, respectivamente de fevereiro e abril de 1934. Buscamos

<sup>3</sup> Em português: “Participe! Jornal escolar alemão ilustrado”.

<sup>4</sup> A revista O Tico-Tico foi veiculada de 1905 a 1977. Portanto, não era um veículo midiático ligado ao governo de Vargas, ao contrário de “Hilf mit!” que se caracterizava como um periódico de propaganda nazista.

observar elementos nominais empregados para se referirem às crianças em discursos presentes nesses corpora e em seguida, procedemos a uma análise contrastiva entre as duas revistas. Os resultados obtidos em nossa análise apontam para a presença de uma forte influência do contexto político vigente na construção da identidade infantil, a qual é muito marcada por questões raciais; porém, a representação das crianças em cada um dos corpora bem como os mecanismos de funcionamento do racismo<sup>5</sup> nesses contextos de poder ocorrem de modos diferentes.

## Identidade no Discurso

A abordagem dos estudos identitários no meio acadêmico brasileiro permite localizar em Grigolletto<sup>6</sup> (2006, p.15) a importância de se situar os estudos de identidade associados aos estudos discursivos, de modo a se considerarem também os aspectos socioculturais em que as identidades se constroem. De acordo com a autora, “entende-se que as identidades são formadas na relação inescapável e necessária com a alteridade” e daí decorre a ideia de estudá-la no âmbito discursivo. Ora, sendo o discurso um fenômeno linguístico que se constrói na interação entre enunciador e enunciatário, é muito natural compreender que a construção da identidade dos indivíduos por ele revelada também esteja permeada por tal dialogismo. Assim, na atenção à alteridade, às características do outro são construídas também as identidades no discurso.

Tal relação com a alteridade é tratada também por Oliveira (2007, p. 22), que compreende o papel de constituição identitária realizado por ações intersubjetivas, em que a alteridade também serve de modelo e de parâmetro aos enunciadores para a construção de suas identidades de modo a se adequar a cada situação e interlocutor. Em suas palavras, o estudioso de identidade deve se ater ao

[...] fato de que o ser humano é um ser de linguagem, o que significa compreender que a constituição de identidades realiza-se pelas e nas práticas discursivas, através de realizações intersubjetivas, portanto, considerando que a alteridade assume natureza constitutiva de tais processos.

Munanga (1996, p. 17), voltando-se para uma perspectiva sociológica da identidade, afirma que “qualquer grupo humano, através de seu sistema axiológico, sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio.” De acordo com o mesmo autor, a construção da identidade pode ocorrer de dois modos diferentes: pela autoidentificação, ou seja, quando se trata da definição de si mesmo, ou pela atribuição de identidade, relativa à definição de um outro. Uma das principais funções de tais definições (de si e do outro) consiste em manipular ideologicamente um determinado grupo, a partir de interesses políticos, sociais, econômicos, entre outros.

<sup>5</sup>A concepção de racismo que adotamos compreende-o como um elemento cultural (MUNANGA, 1996), tendo por base a crença da superioridade de um dado grupo sobre outro. Assim, no Brasil, o racismo opera na crença da superioridade da raça branca sobre a raça negra e, na Alemanha nazista, da raça alemã sobre qualquer outro grupo.

<sup>6</sup> Tomamos aqui apenas a definição de identidade proposta pela autora e não todo seu aparato teórico, dado que este corresponde à AD francesa, linha de estudos discursivos não adotada em nossa pesquisa.

Sendo assim, compreende-se que a identidade se constitui num jogo dialógico entre os participantes envolvidos numa determinada situação. Dessa forma, quando, por exemplo, dois indivíduos interagem entre si, ambos constroem, no processo, sua própria identidade e a do outro.

Desse modo, compreendemos que uma das principais características interacionais do discurso - e também da identidade - é a negociação de papéis entre enunciador e enunciatário, que constroem em conjunto as representações um do outro, bem como as suas próprias imagens. Nesse sentido, buscamos em Aquino; Luques (2012, p. 136) a noção de que tais modelos se constroem e se modificam discursivamente num processo de socialização. As autoras afirmam que “certos grupos, como a escola e a mídia, que influenciam a formação de conhecimentos e crenças, também são capazes de controlar, ainda que indiretamente, a formação desses modelos mentais”. A partir disso, é possível compreender a identidade como um *processo* de construção da imagem dos participantes de um determinado contexto social, que se organiza de diferentes formas em suas diferentes manifestações e veículos discursivos. Não nos surpreende, então, que algumas interações exerçam mais influência que outras no que diz respeito à construção da identidade dos indivíduos. Ora, se em algumas situações discursivas certos interlocutores possuem um caráter social de maior aceitação, é compreensível que seus valores e normas identitários sejam mais passíveis à adesão dos participantes.

Observa-se, desse modo, que os estudos discursivos têm-se voltado para sua natureza social, já de alguma data, pois “os participantes constroem significado ao envolverem a si e aos outros no discurso em circunstâncias culturais, históricas e institucionais particulares.”, conforme já observou Moita Lopes em 2002 (p. 30). É justamente nesta perspectiva discursiva que buscamos, no presente trabalho, localizar os estudos de construção de identidade. Em sua pesquisa, destaca “[...] alteridade e contexto são categorias básicas para compreender como o significado é elaborado na sociedade.” (Moita Lopes, 2002, p.30). Observa-se, desse modo, que o autor defende uma perspectiva interacionista de discurso, no qual se localiza a identidade, reafirmando seu caráter processual e de negociação interacional. Ele afirma, nesse sentido, que “[...] a construção da identidade social é vista como estando sempre em processo, pois é dependente da realização discursiva em circunstâncias particulares: os significados que os participantes dão a si mesmo e aos outros engajados no discurso”. (Moita Lopes, 2002, p. 32).

A partir da concepção de identidade enquanto processo social, o autor propõe três traços característicos: a fragmentação, ou seja, a heterogeneidade e pluralidade das identidades sociais dos indivíduos; a contradição, relacionada às diferenças identitárias de acordo com os diferentes contextos discursivos (por exemplo, um chefe de uma empresa pode ser reconhecido por seu caráter intransigente, e ao mesmo tempo, ser considerado um carinhoso pai de família), e por fim, a processualidade, isto é, o fato de as identidades não apenas se caracterizarem como um processo, mas também de estarem em constante reconstrução. Além disso, o autor chama a atenção para a influência que as relações de poder numa determinada sociedade exercem na construção da identidade social, uma vez que os aspectos contextuais e interacionais permeiam as práticas sociais. Ele afirma: “[...] o poder atravessa a sociedade em diferentes direções dependendo das relações sociais nas quais as pessoas se envolvem por meio de diferentes práticas discursivas” (Moita Lopes, 2002, p.36).

Nos estudos sobre identidade, Jungwirth (2007), socióloga alemã, toma uma direção de análise no sentido contrário ao de Moita Lopes. Enquanto este busca observar aspectos sociais pela compreensão da construção de identidade no discurso, a socióloga alemã se preocupa em estudar como as características sociais indicam aspectos identitários no discurso. Ainda que partindo de pontos opostos, ambos os estudos comungam de uma mesma perspectiva sociodiscursiva da identidade.

Em sua obra baseada na Teoria Queer, a autora apresenta diversas definições que vêm sendo propostas para a identidade desde a década de 1990, período em que tais estudos passaram a receber maior destaque nas humanidades. As pesquisas mais recentes, no entanto, tendem a conceber identidade como o *efeito da normatização*. A respeito disso, ela afirma: “A discussão sobre se estudar identidade como efeito da normatização significa então: entender a exigência pela qual se impõe aos indivíduos ‘delinearem’ a si mesmos, enquanto normas são interiorizadas, como forma de submissão”<sup>7</sup> (Jungwirth, 2007, p. 34-35).

A concepção de normatização sugerida por Jungwirth (2007) nos permite compreender o discurso como também um modo de influenciar e fixar identidades, pois é a partir dele que os indivíduos entram em contato com tais sistemas de crenças, orientando valores e manipulando modelos comportamentais e até mesmo interpretações de discursos. Ainda no que se refere aos efeitos de normatização da identidade, os modelos sociológicos coletivos e individuais, segundo a autora, fundam-se em normas que podem ou não serem aceitas pelo indivíduo. Segundo Jungwirth (2007, p. 185):

O conceito da identidade é cunhado como conceito de estudo (social) em relação com outras categorias pessoais, nas quais este conceito é apoiado em diferenças binárias, complementares. Geralmente, normas reconhecidas são estabelecidas como normas científicas, nas quais são trazidas para esquemas de desenvolvimento e modelos de dimensão coletiva e individual. Sobre esse plano de fundo emerge o aqui reconstruído discurso sociológico do “indivíduo autônomo” como modo de problematização sobre normas e ordem social, que as normas estabelecem.<sup>8</sup>

Sua perspectiva pauta-se, portanto, numa noção sociológica de normas e valores aos quais os indivíduos são submetidos, porém, a autora também compreende, além de questões propriamente sociais, outros aspectos identitários relacionados intrinsecamente aos participantes discursivos. Para ela, a identidade se baseia na tensão entre o eu e o outro, a partir da qual os participantes representam seus papéis sociais. A questão de alteridade também desempenha aqui um papel fundamental, uma vez que é por meio do contato com seu semelhante que o indivíduo adquire a necessidade de se identificar ou de se diferenciar, porém, tal construção parte de uma concepção

<sup>7</sup> No original: „Die Rede von Identität als Effekt von Normalisierung zu untersuchen, bedeutet demnach: die Anforderung, durch die es den Einzelnen auflegt ist, sich selbst zu ‚entwerfen‘, indem Normen verinnerlicht werden, als Form der Unterwerfung zu begreifen.“ Tradução nossa.

<sup>8</sup> Tradução nossa. No original: Der Begriff Identität wird als (sozial-)wissenschaftlicher Begriff in Zusammenhang mit anderen Personenkategorien geprägt, indem er auf binäre, komplementäre Differenzen gestützt wird. Allgemein anerkannte Normen werden als wissenschaftliche Normen etabliert, indem sie in Entwicklungsschemata und Modelle von kollektiver und individueller Dimension gebracht wurden. Vor diesem Hintergrund erscheint der hier rekonstruierte sozialwissenschaftliche Diskurs vom ‚autonomen Subjekt‘ als Problematisierungsweise über Normen und die Ordnung, die sie begründen.“

prévia da imagem do outro, o que culmina novamente no conceito de processualidade da identidade, dado que, a cada interação, os sujeitos sentem a necessidade de criar uma outra imagem de si e de seus interlocutores.

Bauman (2005, p. 17-18) define essa mesma questão como fluidez, isto é, o caráter inacabado da identidade dos indivíduos. Por isso, as pessoas que buscam por suas próprias identidades nunca a encontrarão, pois se trata de uma concepção em constante processo de formação e transformação. Em suas palavras:

[...] o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, [...] as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age - e a determinação de se manter firme a tudo isso - são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a identidade. [...] Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada diversas e incontáveis vezes, e não de uma só tacada.

É nesse sentido que o autor também defende que as identidades se constroem dentro do que ele denomina «comunidades fundidas por ideias» (Bauman, 2005, p. 17), ou seja, espaços sociais que se organizam sobretudo pela comunhão de crenças. E por estarmos também inseridos nessas comunidades, nossas identidades são, em grande parte, construídas pelos outros ao longo das negociações das interações. “As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta [...]” (Bauman, 2005, p. 19).

Para Keupp (1999), esse processo de construção entre interlocutores gera uma tensão que, segundo ele, é comparável a um trabalho de *patchwork* (algo semelhante a uma colcha de retalhos). De acordo com essa metáfora, a identidade é construída coletiva e individualmente, com base nas normas e valores impostos socialmente, ao mesmo tempo em que contém traços dessa recíproca tensão entre o eu e o outro. É preciso destacar que, além disso: essa colcha de retalhos pode possuir o efeito de normatização a partir dos valores e normas selecionados para sua composição.

Assim, se as identidades são fluídas, como afirma Bauman (2005) e fragmentadas, segundo Moita Lopes (2002), é possível reconstruir as pistas da imagem da criança - e porque não do lugar da infância - dentro de um recorte espaço-temporal, como nos propomos a realizar neste artigo. As seções que seguem se realizam no esforço de costurar uma colcha a partir de retalhos pequenos, porém significativos para nossa proposta.

## A construção da identidade da criança em “Hilf mit!”

Iniciamos nossa discussão com o tratamento do corpo editorial do jornal alemão, a Associação dos Professores Nacional-Socialistas, responsável pelo controle minucioso das publicações do jornal escolar “Hilf mit!”, que inclusive assinava as capas das primeiras edições, conforme observamos a seguir na figura 1, em que abaixo do título lê-se “Herausgeber: N.S. Lehrerverband<sup>9</sup>”:

<sup>9</sup> Em português: “Editor: Associação dos professores do Nacional Socialista”.



**Figura 1.** Capa da primeira edição do jornal escolar “Hilf mit!”



Fonte: *Hilf mit!*, 1933

A existência de tal grupo editorial comprova a estreita relação entre o jornal e o governo de Adolf Hitler, o que também pode ser observado a partir da veiculação de textos voltados à doutrinação política e ideológica, como já apontado também na primeira seção. Somado a isso, encontramos também a divulgação de fotos de cunho militar, sempre apresentando crianças e adultos com fardas oficiais, conforme registrado na figura 2 - desde grupos escolares ou juvenis até mesmo do exército e da SS<sup>10</sup> - ou em situações de disciplina e obediência, como a organização em filas, por exemplo:

<sup>10</sup> Schutzstaffel, ou Tropa de Proteção.

**Figura 2.** Imagem das jovens tropas alemãs pelo território nacional.



Fonte: *Hilf mit!*, 1935

A constante referência a elementos militares no jornal, bem como a relatos de propaganda ideológica, servem de indício para uma importante questão em termos da interação que os editores buscaram estabelecer com seus leitores: todas as pessoas apresentadas no periódico, independentemente da idade ou do gênero, são apresentadas como modelos de comportamento a serem seguidos pelo público alvo - crianças em idade escolar. Com isso, podemos afirmar que, acima de tudo, a identidade infantil construída em *Hilf mit!* é a de um modelo alemão de conduta - um *Vorbild*<sup>11</sup>

Outro dado bastante importante a ser observado é a reprodução de crenças diretamente relacionadas a uma figura de poder, no caso o chefe de Estado Adolf Hitler. Esse traço confere a esse *Vorbild* da criança alemã uma de suas principais marcas: o respeito às hierarquias e, sobretudo, à autoridade do Führer. Além disso, se tomarmos a concepção de Jungwirth (2007), podemos compreender o discurso do *Vorbild* como um fator de coesão e de fixação identitária da nação alemã em torno da figura do próprio Führer, uma vez que ele não simbolizava apenas um papel político, mas sobretudo a personificação da ideologia nazista e da “raça alemã”.

A partir desse padrão de coesão identitária, podemos observar uma construção mais homogênea e massificada da representação da criança alemã por parte desse domínio político, escolar, midiático e familiar. Como principais elementos de identificação grupal dessa representação infantil em termos qualitativos, destacamos também as recorrentes referências a símbolos nacionais, como a menção à bandeira e ao uso do uniforme - tanto nos textos escritos por crianças, como nas fotografias publicadas. Ambos os elementos

<sup>11</sup> Palavra da língua alemã definida pelo dicionário Duden como “Pessoa ou objeto, que é vista como padrão idealista, como exemplo, à qual se segue.”



contribuem ainda mais para a construção de uma figura de representação mais fechada e generalizada da criança no período do nazismo. Destacamos, também, a referência ao sangue da “raça alemã” no seguinte trecho do poema recolhido de “Menina no Acampamento”, nesse periódico:

A **bandeira** chama  
E atrai tão bem.  
Mãe, eu queria estar lá!

Mãe, **eu não posso ficar de fora**,  
Ouça o grito do **meu sangue!** (Hilf mit, 1935)<sup>12</sup>

Nesse poema, a enunciadora implora a sua mãe que lhe permita participar da Liga Federativa de Meninas (“Mãe, eu queria estar lá.” “Mãe, eu não posso ficar de fora”), afirmando ser essa uma necessidade física (“meu sangue”). Seu corpo é uma parte da ideologia<sup>13</sup>, pois para ela ser alemão é algo genético e não uma mera questão de identificação nacional. Tal ideia, se relacionada à noção de eugenia da raça alemã - ou seja, à necessidade de se higienizar um grupo étnico a partir da extinção de outras “raças” bem como quaisquer outros indivíduos que não se enquadrassem no padrão físico ou identitário alemão - apresenta-se como uma importante característica da construção desse Vorbild: a identificação não ocorre apenas pelo comportamento e respeito a uma autoridade e a uma bandeira, ela é sobretudo racial, étnica e biológica. Apenas uma criança nascida de pais alemães e cristãos poderia representar essa imagem. E mais do que isso, a construção desse Vorbild serve, acima de tudo, para padronizar ideologicamente tais crianças.

Essa representação não era apenas racista, mas também bastante sexista. Em “Menina no Acampamento”, podemos observar a menção ao serviço doméstico como algo que “os meninos tinham medo “por entendê-los “como castigo”; já com as meninas “isso era muito diferente”., como destacamos a seguir, na comparação estabelecida entre os membros da JH e da Liga Federativa de Meninas:

**Os meninos na JH**, como nós sempre lemos e seus relatos de viagem, **têm um medo muito grande dos serviços de cozinha e encaram-nos como um castigo. Conosco isso era totalmente diferente (...).** (Hilf mit, 1935)<sup>14</sup>

Essa representação da figura infantil feminina já era a representação das relações de poder entre homens e mulheres na sociedade, de modo a se firmar mais um tipo de hierarquia: a familiar. Desse modo, a construção da identidade da criança no regime totalitário alemão, apesar de se pretender igualitário - pois é massificador -, é na verdade bastante hierárquico e desigual, e entre as próprias crianças se observam disparidades quanto ao gênero.

<sup>12</sup> Tradução nossa. No original: „Die Fahne ruft / Und lockt so gut./ Mutter, wär’ ich dabei!/Mutter, ich darf nicht abseits stehen,/Hör meines Blutes Schrei!

<sup>13</sup> A concepção de ideologia aqui assumida corresponde muito mais à relação entre construções discursivas e processos ideológicos. Estes, conforme Fairclough (2003,p. 218), “são representações de aspectos do mundo que podem ser apresentados para estabelecer e manter relações de poder, de dominação e de exploração”

<sup>14</sup> Tradução nossa. No original: „Die Jungen in der JH haben, wie wir immer wieder in ihren Fahrteberichten lesen, eine ziemlich große Bange vor den Küchendienst und sehen ihn als Strafdienst an. Bei uns war das ganz anders. Jede wollte kochen, und Ruth hatte ihre Mühe, die Küchendienst zu verteilen.“

## A construção da identidade da criança em O Tico-Tico

O corpo editorial de “O Tico-Tico”, por sua vez, era composto por pensadores políticos, como Manoel Bonfim, bastante engajados no desenvolvimento socioeconômico do país e nos ideais positivistas relacionados à infância, porém, a revista em questão não tinha leitura obrigatória nas escolas e sequer era controlada por algum órgão do Estado. Desse modo, podemos afirmar que havia, sim, uma influência política na produção do periódico, mas de um modo mais brando se comparada à “Hilf mit!”.

De acordo com o pensamento político e ideológico dos editores, “O Tico-Tico” era uma revista voltada ao investimento simbólico na formação cultural da criança brasileira. Tal formação não ocorria, entretanto, obrigatoriamente no espaço escolar, mas sim em situações de recreação e lazer. Dado esse fato, compreendemos que as interações que se estabelecem nos dois periódicos apresentam algumas diferenças, sem se caracterizarem, porém, como antagônicas, pois ambas visavam à formação das crianças, sendo uma de modo mais doutrinário e de caráter institucional, e outra mais lúdica e informal.

A importância de se compreender o tipo de interação em que se fundava a revista brasileira nos revela características bastante importantes em termos de construção de identidade infantil no Brasil de Vargas. Em seu governo, a educação assumiu um papel fundamental no nacionalismo brasileiro, desde os anos de 1930, época em que foi criado o Ministério da Educação e da Saúde Pública. Havia uma preocupação com a formação do cidadão que deveria ser conformado de acordo com o ideário cívico apregoado pelo governo centralizador – o que ocorreu de modo muito mais contundente a partir de 1937, conforme indicam Schmitz e Cunha (2015). O controle da homogeneidade nacional repercutia na educação, na família e na sociedade.

Convém destacar que “O Tico-Tico” não apresenta a criança como um Vorbild, mas sim como o futuro da nação. A metáfora da criança como “os condutores do Brasil de amanhã”<sup>15</sup> apresenta uma imagem inacabada da infância no país. As crianças da revista são um “vir a ser”; há, de fato, uma normatização de comportamentos e de características físicas para a criança ideal brasileira - como discutiremos a seguir -, mas ela serve mais como uma base norteadora do que propriamente como um modelo padronizado e massificado a ser seguido.

Parece-nos possível afirmar que aos editores não importava tanto a criação de um Vorbild da criança naquele momento, mas a modelação de seu caráter para o futuro, para o cidadão que ela seria um dia. A infância registrada em “O Tico-Tico” era, antes de tudo, um processo de formação, uma lista de condutas morais. Não se vê aqui um modelo tão concreto e acabado como o encontramos em “Hilf mit!”, jornal que, ao contrário, personifica a identidade nazista numa única figura de autoridade, e dela deriva a representação da criança.

Porém, ainda que de modo mais abstrato, é possível encontrar em “O Tico-Tico” efeitos de normatização na representação da criança da época, sobretudo no que diz respeito a comportamentos, como podemos observar a seguir na figura 3, na história de Esopo, publicada com ilustrações, cuja moral diz: “Quem maltrata um animal não mostra **bom natural**”.

<sup>15</sup> A expressão “os condutores do Brasil de amanhã” aparece, na edição nº 1496 como título de uma coletânea de fotos de meninos da elite brasileira da época.

Figura 3. Capa com história ilustrada de Esopo



Fonte: O Tico-Tico, 1934

A noção de “bom natural” apresentada na fábula não se refere apenas a um padrão de comportamento considerado adequado e esperado das crianças, mas, especialmente, a natureza biológica de tal normatização. Assim, agir segundo o que se preconizava não era uma mera questão moral, mas sim racial, conforme Britto-Costa (2017). Não é por acaso que nessa imagem encontramos apenas meninos brancos, enquanto os personagens negros exerciam papel secundário nas histórias em quadrinho, visto que, na verdade, eles não eram o público alvo da revista. A Sociedade Anonyma O Malho, responsável pela edição de “O Tico-Tico”, via apenas a criança branca - mais especificamente o menino branco - como o futuro da nação e é a ele que os padrões são ensinados. Porém, ao contrário do que ocorria na Alemanha nazista, as outras raças não deveriam ser dizimadas para se promover a “pureza” étnica da nação; na sociedade brasileira, a segregação servia antes para subjugar e explorar os grupos subalternizados, por isso o mau comportamento é tido como algo natural para os personagens negros das histórias da revista, como se observa na figura 4.

Figura 4. História ilustrada Na Escola



Fonte: O Tico-Tico, 1934.

Nos quadrinhos, observamos o personagem Lamparina, menino negro e de menor poder aquisitivo - como demonstra sua vestimenta -, em seu primeiro dia de aula. O narrador afirma que Lamparina foi levado à escola pelo Seu Carrapicho - homem adulto presente no primeiro quadrinho - que “Avisou, entretanto, à professora a **mania de fugir** que tinha Lamparina”. A expressão **mania de fugir** empregada na história remete ao tempo da escravidão, em que os negros escravizados muitas vezes fugiam das fazendas onde trabalhavam forçosamente. Nesse texto, porém, Lamparina não está nesse contexto e ainda assim atribui-se a ele o caráter de “fujão”.

Assim que entra na sala, dirige-se à última fileira sem que isso lhe fosse solicitado, como se ele soubesse que o espaço a ele destinado era justamente aquele. No decorrer da aula, Lamparina abre sua caixa, de onde sai um rato, assustando todos os presentes e causando grande alvoroço. A traquinagem não é, no entanto, condenada pela professora e nem pelo narrador (em forma de “moral da história”), possivelmente porque a natureza de Lamparina era, de fato, incivilizada. Por conta disso, apenas as peraltices das personagens de crianças brancas eram corrigidas pelos editores, uma vez que estas pertenceriam à “raça civilizada”, cujo comportamento deveria ser corrigido.

Com isso, podemos observar duas representações distintas nesses discursos: se por um lado, os meninos brancos são caracterizados como portadores do “bem natural”, Lamparina - um dos únicos

personagens negros - é apresentado como avesso aos estudos, “fujão” e peralta. Suas atitudes consideradas mal-educadas não são sequer dignas de reparação, pois a educação direcionada pela revista “O Tico-Tico” não é destinada ao seu grupo social, e sim aos “futuros condutores do Brasil de amanhã”.

## Conclusão

A partir das análises realizadas, podemos observar que ambos os periódicos apontam para uma seleção nominal de cunho racista do ideal de criança da época nos dois países. Porém, as crenças circundantes implicam em construções identitárias um tanto diferentes - mas não de todo antagônicas entre si. A exemplo disso, podemos citar a noção biológica e racial muito aplicada nos dois corpora para explicar os comportamentos dos pequenos leitores, seja como o “bom natural” de toda criança branca brasileira, ou o “puro sangue” alemão que clamava pela união e partilha com seus pares. No entanto, tais construções sociais - fortemente vinculadas à noção de higienização racial - serviam a objetivos políticos diferentes.

Para a revista brasileira, esperava-se tanto formar o caráter do futuro da nação - mais especificamente dos meninos brancos e de classes mais abastadas - como também ensinar às crianças o papel social de cada um: os brancos em posições de poder e os negros em situação de subserviência e sem aptidão para os estudos e atividades um pouco mais intelectualizadas. Já em “Hilf mit!”, a higienização racial aponta para a total exclusão de figuras não correspondentes ao ideal da “raça ariana”, uma vez que nenhuma outra etnia é sequer mencionada nos textos; aliás, o propósito do regime nazista era, como sabemos, exterminar outras etnias presentes na Alemanha àquela época.

Com isso, compreendemos que os interesses políticos exerciam, de fato, bastante influência na construção da identidade infantil apresentada pelos periódicos. No caso de “O Tico-Tico”, não apenas as delimitações dos papéis sociais, como também o ideal positivista que apontava os meninos como o futuro da nação, indicam um engajamento político bastante significativo no desenvolvimento socioeconômico do Brasil das décadas subsequentes. Por outro lado, no jornal alemão, toda a produção midiática e textual foi criada como uma propaganda de um regime totalitário que tinha o Führer como figura de personificação de toda sua ideologia, o que garantia a coesão de toda a “raça alemã” nessa mesma imagem, porém com suas próprias hierarquizações, o que segregava toda a população em diferentes castas de acordo com o gênero, idade e importância politicomilitar, porém todas espelhadas na figura de autoridade máxima atribuída a Adolf Hitler.

Tal coesão identitária centrada na figura do Führer aponta para uma construção bastante homogênea e massificada da identidade alemã como um todo, o que não podia deixar de ser similar no tratamento das crianças, como ocorre a partir da representação do “Vorbild” da criança na Alemanha nazista. Importa ressaltar ainda que tal construção visava, sobretudo, à doutrinação dos leitores a partir da representação de uma figura infantil bem sucedida de acordo com os preceitos do governo, de modo a normatizar os comportamentos até a concepção de imagem de si das demais crianças do país.

No que se refere ao processo de construção identitária na revista “O Tico-Tico”, observamos que o objetivo principal da revista era a normatização de comportamentos no sentido de corrigir e moldar



o caráter de um modo bastante lúdico e informal. E justamente pelo fato de a criança ser representada pelos adultos como o futuro da nação - ou seja como uma figura que ainda se tornaria algo importante para a sociedade brasileira -, sua identidade se apresenta de modo bastante inacabado, motivo pelo qual não se verificou a mesma massificação que no *corpus* alemão, uma vez que nesse contexto sociopolítico não havia uma coesão identitária tão unificada, e tampouco era concentrada na figura da autoridade máxima estatal, no caso Getúlio Vargas.

## Referências Bibliográficas:

AQUINO, Z. G. O.; LUQUES, S. U. 2012. Propaganda político-eleitoral—Um discurso em busca de legitimidade. *Linha D'Água*, **25**(2): 131-145. <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v25i2p131-145>

BAUMAN, Z. 2005. *Identidade*: Entrevista com Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Zahar, 112p.

BRITTO-COSTA, L. F. de. 2017. *A construção da identidade em periódicos infantis no Brasil de Vargas e na Alemanha nazista*. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo - USP, 180p.

BUCKINGHAM, D. 2012. As crianças e a mídia sob a ótica dos Estudos Culturais. *Matrizes*, **5**(2): 93-121.

BUDAG, F. E.; SCABIN, N. L. C. 2019. Representação, identidade e a emergência de uma nova subjetividade política: minorias sexuais e de gênero na série Merlí. *Contracampo*, **38**(2): 36-48. <https://doi.org/10.22409/contracampo.v0i0.28049>

FAIRCLOUGH, N. 2003. *Analysing Discourse*: textual analysis for social research. London, Routledge, 270p.

GRIGOLETTO, M. 2006. Leituras sobre a identidade: contingência, negatividade e invenção. In: MAGALHÃES, I.; GRIGOLETTO, M.; CORACINI, M. J. (Orgs). *Práticas Identitárias – Língua e Discurso*. São Carlos, Claraluz, p.117-220.

HILF MIT! ILLUSTRIERTE DEUTSCHE SCHÜLERZEITUNG, 1933. Berlim, out., capa.

HILF MIT! ILLUSTRIERTE DEUTSCHE SCHÜLERZEITUNG, 1935. Die Deutschlandfahrt wird gefilmt. Berlim, dez., p. 89.

HILF MIT! ILLUSTRIERTE DEUTSCHE SCHÜLERZEITUNG, 1935. Mädel im Lager. Berlim, out., p. 14-15.

JUNGWIRTH, I. 2007. *Zum Identitätsdiskurs in den Sozialwissenschaften* - eine postkolonial und queer informierte Kritik an George H. Mead, Erik H. Erikson und Erving Goffman. Berlim, Transcript, 308p. <https://doi.org/10.14361/9783839405710>

KEUPP, H. et al.1999. *Identitätskonstruktionen*. Das Patchwork der Identitäten der Spätmoderne. Re-

inbek, Rowohlt, 280p.

MOITA LOPES, L. P. 2002. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, Mercado de Letras, 232 p.

MUNANGA, K. 1996. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. *RESGATE - Revista Interdisciplinar de Cultura*, 6: 17-24.

OLIVEIRA, M. O. de. 2007. Identidade na contemporaneidade: cultura guarani. *Alceu*, 7(14): p.160-168.

O TICO-TICO. 1934. Os meninos e a rã. Rio de Janeiro, fev., capa.

O TICO-TICO. 1934. Na Escola. Rio de Janeiro, abril, p. 8.

RAMOS, D. G. 2010. *Raça em revista: Identidade e discurso na mídia negra*. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo – USP, 251p.

SCHMITZ, Z. I.; COSTA, M.A.S. da. 2015. Educação , infância e nacionalismo; uma abordagem a partir das cartilhas escolares “Getúlio Vargas para crianças” e “Getúlio Vargas: o amigo das crianças”. In: EDUCERE, Curitiba, 2015. *Anais...* Curitiba, PUCPR, 10262-76.

*Submetido: 25/07/2020*

*Aceito: 28/09/2020*